

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

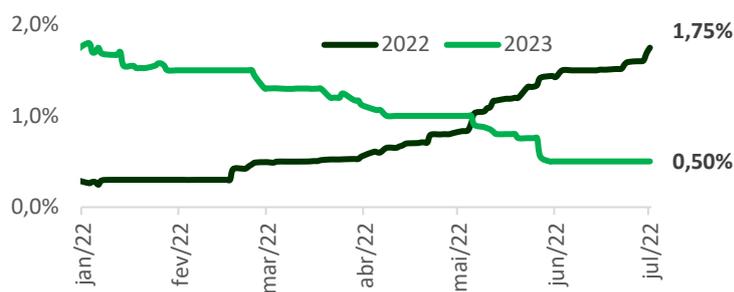
08 a 15 de julho de 2022 | www.abbc.org.br



À espreita

A semana foi marcada pela preocupação com os indicadores de atividade e inflação dos EUA que transmitiram a sensação de que a recessão está à espreita. Influenciado pela alta dos preços dos combustíveis, serviços e pela continuidade do descasamento entre demanda e oferta, o CPI apresentou alta de 9,1% a.a. em junho, o maior valor registrado em mais de 40 anos. Além de reduzir o poder de compra das famílias, a persistência da inflação em patamar elevado exigirá um aperto monetário, o que amplia o risco de uma recessão e aversão ao risco. Com a deterioração, o *Dollar Index* subiu 0,99% no período, com o euro chegando à paridade com o dólar. O retorno das T-Notes de 10 anos recuou -0,16 p.p. na semana para 2,93% a.a., com a curva de juros mantendo-se em inclinação negativa, reforçando a hipótese de recessão. A cotação do CDS de 5 anos subiu 36,8 bps. para 328,5 bps e o dólar fechou cotado a R\$ 5,41, o que representou alta de 2,89%. A mediana para o crescimento do PIB de 2022 avançou em 0,16 p.p. para 1,75%, devendo se aproximar de 2,00% nas próximas edições. A melhor perspectiva está fundamentada no desempenho mais favorável para os indicadores da economia do que o antecipado pelos analistas, entretanto, para 2023 a estimativa está em apenas 0,50%. Em maio, o índice de atividade IBC-Br apontou retração de -0,1% na margem. O resultado negativo ocorreu a despeito dos dados setoriais positivos, como o aumento do varejo restrito em 0,1% (0,2% do ampliado), o impulso do setor de serviços de 0,9%, além da expansão de 0,3% na produção industrial. A despeito dos programas de recomposição de renda do governo, observou-se ainda um aumento do total de endividados apurados pela Serasa Experian, com maior preocupação ao indicador para as famílias. Em maio, o total de consumidores inadimplentes alcançou 66,6 milhões de pessoas, configurando-se novo recorde da série histórica iniciada em 2016, o que representou alta de 0,7% no mês, e de 4,1% no ano. Para a semana que se adentra serão destaques: Reunião do CMN, Monitor do PIB, arrecadação federal, a reunião de política monetária do BCE e inflação ao consumidor na Zona do Euro.

Mediana das Projeções do PIB (variação anual)



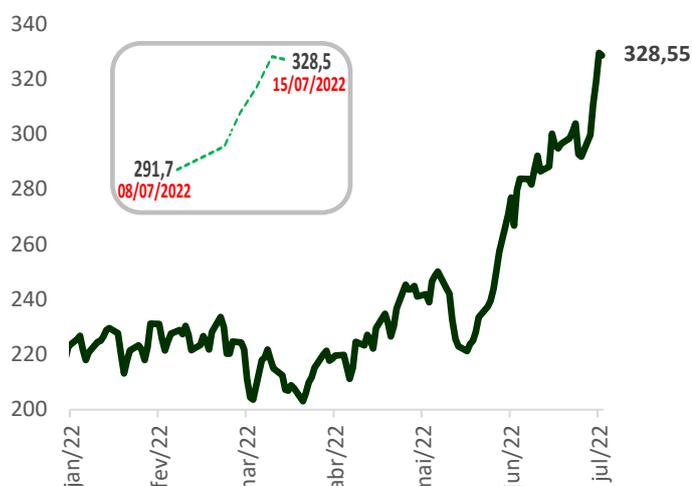
Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Com a sua divulgação normalizada, o Boletim Focus mostrou que a mediana para o crescimento do PIB de 2022 avançou na semana em 0,16 p.p. para 1,75%, tendência que deve ser mantida nas próximas edições. A melhor perspectiva está fundamentada no desempenho mais favorável para os indicadores da economia do que o antecipado pelos analistas, com a conjugação de alguns fatores como os benefícios sociais, a melhora nos termos de troca, aquecimento no mercado de trabalho e a retomadas das atividades presenciais. Para 2023 e 2024, por sua vez, a mediana das estimativas para o crescimento do PIB permaneceu estável em 0,50% e 1,80%, respectivamente. No cenário inflacionário, o arrefecimento das pressões sobre os componentes voláteis dos índices de preços, principalmente com o alívio nos preços dos combustíveis proporcionado por medidas tributárias, reduziu as estimativas de curto prazo. Assim, a variação do IPCA para jul/22 reduziu-se em -0,18 p.p. para -0,46% e em -0,03 p.p. para 0,13% em ago/22. Entretanto, para set/22 subiu 0,01 p.p. para 0,49%. Para 2022, houve queda de -0,13 p.p. para 7,54%. No entanto, para 2023, horizonte mais relevante para a política monetária, houve aumento de 0,11 p.p. atingindo 5,20%, distanciando-se ainda mais do limite superior da meta de 4,75%. Para 2024 o número permaneceu estável em 3,30%. As expectativas para a Meta Selic mantiveram-se em 13,75% a.a. para 2022, elevando-se no período em 0,25 p.p. para 10,75% a.a. ao final de 2023 e permanecendo em 8,0% a.a. ao final de 2024. Ademais, apesar da depreciação recente, as projeções para a taxa de câmbio mantiveram-se estáveis em R\$ 5,13/US\$ para 2022 e em R\$ 5,10/US\$ para 2023. Com pequena oscilação, a previsão para a taxa de câmbio reduziu-se de R\$ 5,06/US\$ para R\$ 5,05/US\$ em 2024. Com as incertezas agravadas no âmbito fiscal, a dívida líquida do setor público projetada para 2022 elevou-se para 59,23% do PIB (59,0% na leitura anterior) e 63,5% do PIB para 2023 (62,0% anteriormente). Para 2024 continuou estável em 63,0% do PIB. A estimativa do déficit primário manteve-se estável em 0,10%, -0,20% e 0,0% do PIB, para os anos de 2022, 2023 e 2024, respectivamente. Também sem alterações, a projeção do déficit nominal permaneceu em -6,70% do PIB para 2022, -7,60% do PIB em 2023 e -5,70% do PIB ao final de 2024.

Aversão ao Risco

Credit Default Swap (CDS)

Variação na semana



Com a divulgação dos dados da inflação nos EUA em junho, acima da mediana das expectativas, houve uma deterioração na aversão ao risco no mercado internacional. Assim, o risco soberano brasileiro, medido pela cotação do CDS de 5 anos, subiu na semana expressivos 36,8 bps. para 328,5 bps. (123,8 bps no ano).

Apesar da pressão inflacionária que poderia aumentar as apostas de uma alta de 1,00 p.p. na taxa dos Fed Funds na próxima reunião do FOMC, as declarações de membros do Federal Reserve reduziram esta possibilidade. As altas de 0,75 p.p. nas próximas 2 reuniões foram praticamente ratificadas com a redução das expectativas de inflação de longo prazo que saíram de 3,1% em junho para 2,8% na leitura preliminar de julho.

T-Note - (% a.a.)

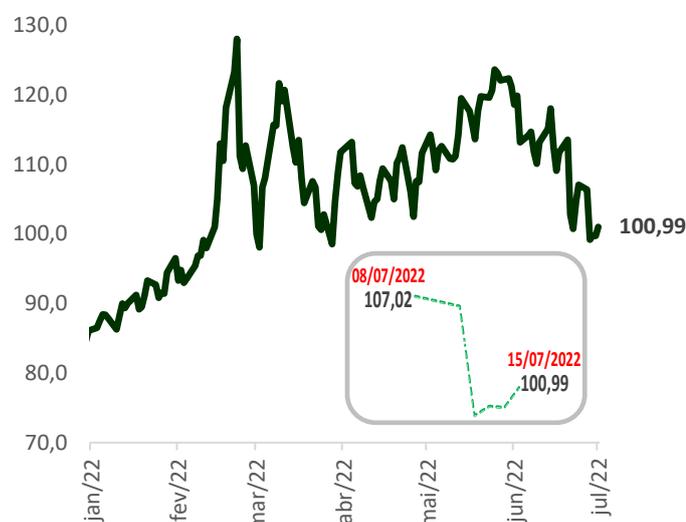


Com volatilidade, o retorno das T-Notes de 10 anos manteve recuou -0,16 p.p. na semana para 2,93% a.a.. Com isso, o *spread* entre as taxas de 10 e 2 anos ficou ainda mais em campo negativo (-0,20 p.p.), reforçando o entendimento da aproximação de uma recessão no horizonte.

Por fim, a possibilidade de uma recessão global tem um efeito positivo ao ajustar a expectativa de equalização entre oferta e demanda por petróleo. Mesmo com as dificuldades dos países produtores em elevar suas produções, a perspectiva de diminuição da demanda levou a cotação do barril tipo Brent a cair -5,63% na semana para US\$ 100,99, chegando a alcançar US\$ 99,12 na terça (12/07). Lembrando que o barril de petróleo não é negociado abaixo de US\$ 100,00 desde 11/04/22 (US\$ 98,48).

Petróleo

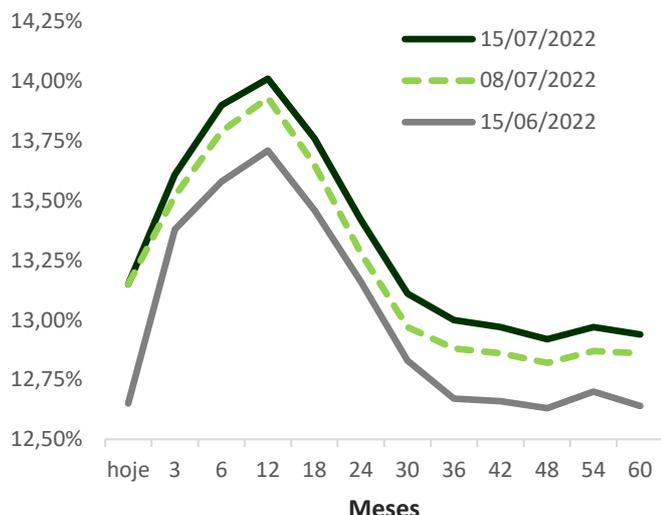
Brent última cotação US\$



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)



Em meio às apostas de um ritmo de aperto monetário de 0,75 p.p. pelo Federal Reserve, o receio de um processo e as preocupações com a situação fiscal no ambiente doméstico, as taxas no mercado futuro de juros voltaram a subir na semana.

Houve aumento nos prêmios de riscos ao longo de toda a curva. Em relação aos prêmios observados na semana anterior (08/07), as taxas dos vértices de 24 e 36 meses subiram 0,14 p.p. e 0,12 p.p. para 13,42% a.a. e 13,00% a.a., respectivamente. Enquanto as dos prazos mais longos, como o de 48 e 60 meses, cresceram 0,10 p.p. e 0,08 p.p., para 12,92% a.a. e 12,94% a.a., na ordem.

Taxa Real de Juros

Ex-ante (a.a.)

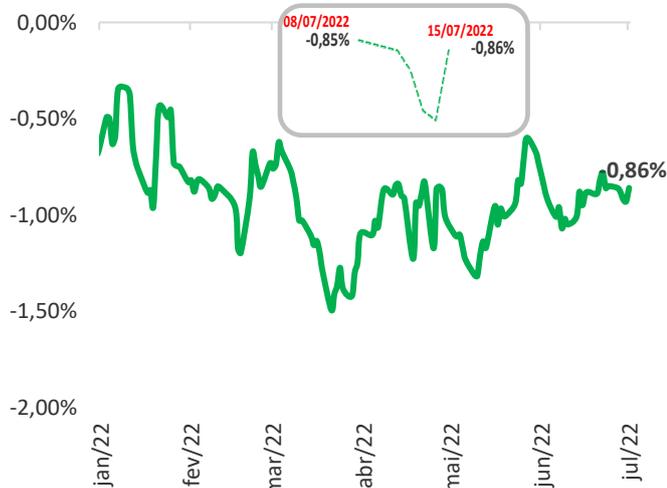


A taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias subiu 0,08 p.p. fechando em 14,01% a.a. no dia 15/07, ante 08/07. Como a inflação esperada para os próximos 12 meses registrou alta de 0,08 p.p. para 5,24% na semana, a taxa real de juros *ex-ante* caiu -0,01 p.p. para 8,33% a.a., no encerramento do dia 15/07.

Por fim, outra medida de risco calculada pelo *spread* da taxa de juros de 10 e de 1 ano, calculado pela Anbima, para a negociação de títulos públicos, mostrou queda de -0,04 p.p., intensificando-se em patamar negativo (-0,64 p.p.) no fechamento do dia 15/07. O mesmo *spread* na curva futura de juros no prazo de 10 anos da B3 apontou ligeiro recuo de -0,01p.p., fechando em -0,86 p.p. no encerramento da semana

Spread da Taxa de Juros

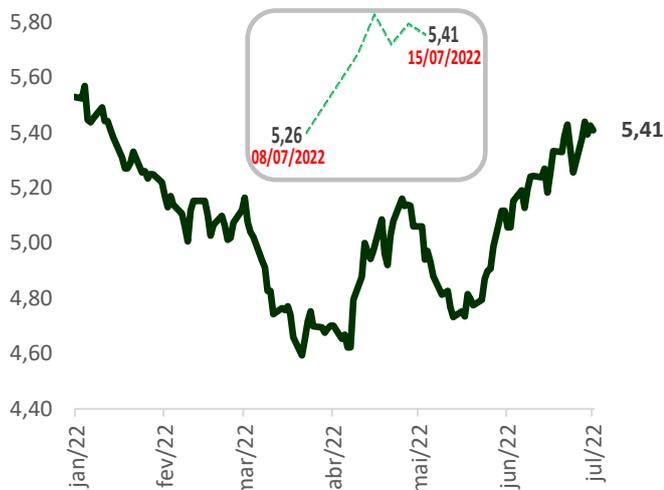
Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3. Elaboração ABBC

Câmbio

Real/US\$



Após perder força na semana anterior, o dólar voltou a se fortalecer no mercado global, com o aumento dos temores de uma recessão nos EUA, favorecendo a busca por ativos mais seguros. Na semana, as divulgações dos dados de inflação de junho acima da mediana das expectativas, suscitando a possibilidade de um aperto monetário mais agressivo por parte do Federal Reserve (Fed), elevaram a aversão ao risco.

Com isso, o *Dollar Index*, que mede a variação da divisa norte-americana em relação às de países desenvolvido, subiu 0,99% na semana, influenciado pelas depreciações de 1,50% na libra esterlina e de 1,04% no euro. Com isso, o euro chegou ao patamar de paridade com o dólar. Por sua vez, o índice que mede o desempenho das moedas de países emergentes frente ao dólar subiu 0,40% no período. Contudo, algumas moedas ainda exibiram depreciações na semana, com destaques para o peso argentino (1,14%), lira turca (0,60%) e peso mexicano (0,41%).

Impactado pelo aumento do risco fiscal no médio e longo prazo, principalmente com a “PEC dos Benefícios”, e pela proximidade das eleições, o real apresentou comportamento inferior ao de seus pares emergentes, devolvendo o ganho da semana anterior. Assim, o dólar fechou cotado a R\$ 5,41, o que representou altas de 2,89% na semana e de 4,94% a.m.. Apesar do movimento, o Banco Central não atuou no mercado cambial durante a semana.

Quadro Câmbio

Moeda	Cotação do US\$		Variação	
	15/07/2022	Semana	Mês	12 meses
Real	5,41	2,89%	4,94%	5,80%
Euro	0,99	1,04%	4,16%	17,18%
Libra esterlina	0,84	1,50%	3,26%	16,65%
Renminbi	6,76	0,94%	0,60%	4,59%
Peso mexicano	20,54	0,41%	0,95%	2,96%
Lira turca	17,36	0,60%	0,18%	102,65%
Peso argentino	128,24	1,14%	4,33%	33,33%

Índice de Emergentes*



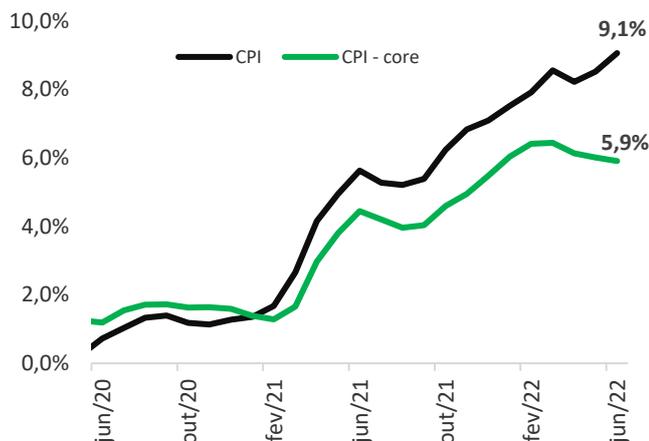
*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

Atividade Global – Jun/22

EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) - (% a.a.)



Fonte: US Department of Labor. Elaboração ABBC

Na semana foram disponibilizados indicadores de atividade e inflação que forneceram subsídios para a avaliação do rumo da política monetária nos EUA e da probabilidade de uma recessão. O Livro Beige, que procura analisar as condições econômicas correntes em cada um dos 12 distritos do Federal Reserve e serve como apoio ao Comitê de Política Monetária, indicou moderação no ritmo de expansão da economia, contudo para os pesquisados a descompressão da demanda foi insuficiente para conter a inflação. Ademais, as perspectivas futuras para a atividade mostram-se negativas, com o sentimento de que os gastos de consumidores estão contidos pelos aumentos nos preços de itens essenciais, como alimentos e combustível. Entre os problemas encontram-se, ainda, as interrupções na cadeia de suprimentos, as condições apertadas no mercado de trabalho, o enfraquecimento da demanda por habitação. Entretanto, o relatório assinalou que, no geral, a capacidade de repasse do aumento de custos manteve-se estável. Por fim, houve aumento de preocupação com um eventual processo recessivo, que seria agravada por um aperto das condições monetárias. Ligeiramente acima das previstas, as vendas do varejo nos EUA tiveram alta de 1,0% na margem em jun/22, na série com ajuste sazonal, ante uma queda de -0,1% de mai/22 (dado revisado de -0,3%). A produção industrial, por sua vez, apontou retração de -0,2% na margem em junho, após registrar estabilidade em mai/22. No 2T22, no entanto, a produção aumentou 6,1%. O nível de utilização da capacidade instalada recuou -0,3 p.p. na margem para 80%.

Influenciado pela alta dos preços dos combustíveis, serviços e pela continuidade do descasamento entre demanda e oferta, o índice de inflação ao consumidor (CPI) apresentou alta de 1,3% em junho, com uma alta de 9,1% a.a., o maior valor registrado em mais de 40 anos.

EUA – Produção Industrial



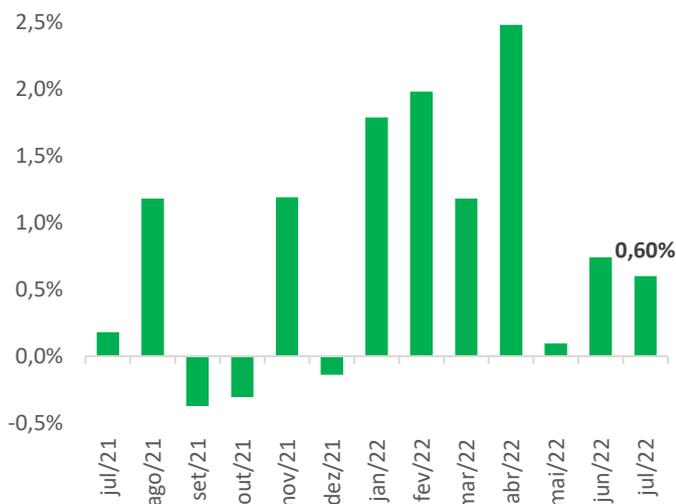
Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

O núcleo do índice, que não considera os preços mais voláteis como alimentos e energia, subiu 0,71% na margem, alta de 5,91% a.a., superando as estimativas dos analistas. Além de reduzir o poder de compra das famílias, a persistência da inflação em patamar elevado exige um aperto monetário que amplia o risco de uma recessão.

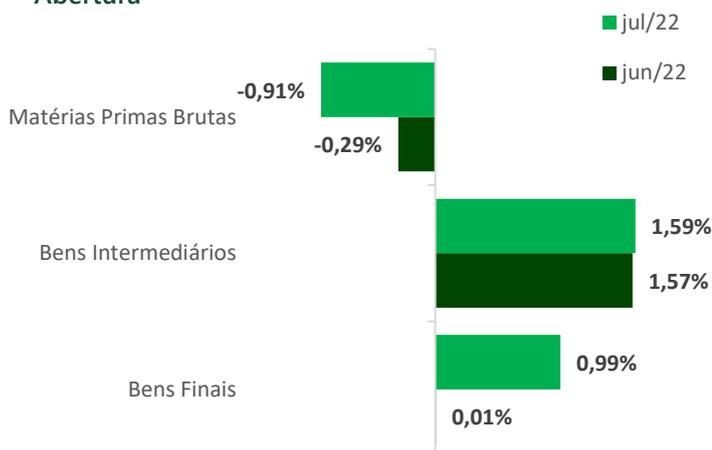
Reagindo as medidas para conter o avanço da Covid, o PIB do 2T22 da China recuou -2,6% em relação ao 1T22. Na comparação com o 2T21, houve crescimento de apenas 0,4% (4,8% no 1T21, na mesma base comparativa). Com sinais de recuperação após o afrouxamento das restrições sanitárias, a produção industrial avançou 3,9% na margem em junho (ante 0,7% em mai/22). Já as vendas do varejo apontaram uma alta de 3,1% em relação a jun/21, recuperando-se da queda de -6,7% em mai/22. Puxada pelo incremento das exportações, com a abertura do porto de Xangai, a balança comercial teve resultado recorde em junho, alcançando US\$ 97,94 bilhões, contra US\$ 78,8 bilhões em mai/22, alta de 24,4% na margem. As exportações cresceram 17,9%, em relação a jun/21, enquanto as importações subiram 1,0%. Os indicadores levam a reduções das projeções de crescimento da China em 2022 para valores próximos de 3,0%, bem abaixo da meta oficial de 5,5%. O cenário aponta para uma desaceleração nos investimentos com uma crise de confiança no setor imobiliário e a estagnação na renda dos consumidores. O setor externo deverá a frente enfrentar dificuldades, com queda nos pedidos de exportação por causa do aumento dos estoques e da redução da demanda por consumo internacional provocados pelo aperto monetário para combater a inflação elevada. Os sinais mostram a dificuldade para que a China se mantenha como motor global de crescimento, com implicações negativas para países exportadores de commodities.

IGP-10 - Jul/22

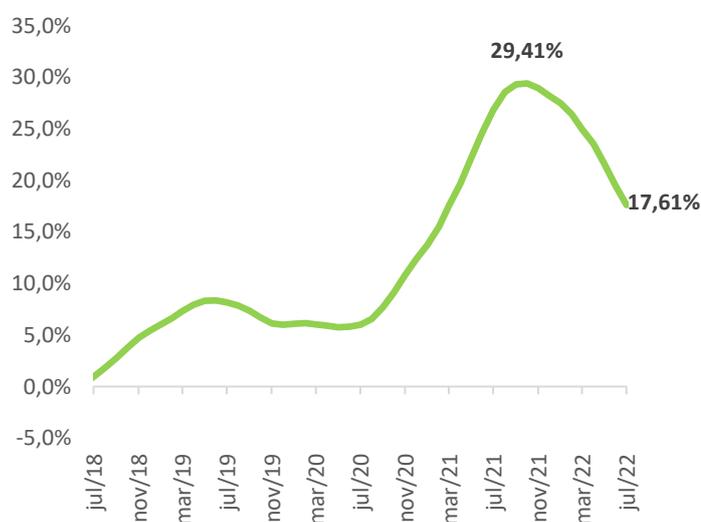
Variação Mensal



Variação Mensal Abertura



Variação em 12 meses



O Índice Geral de Preços – 10, apurado pela FGV, desacelerou para 0,60% em julho, após alta de 0,74% verificada em junho. Dessa forma, o índice acumulou alta de 9,18% no ano e de 10,87% em 12 meses (10,40% em jun/22).

Sob influência dos preços dos alimentos e dos combustíveis, o Índice de Preço ao Produtor Amplo (IPA) acelerou para 0,57% em julho, ante 0,47% no mês anterior. Houve aumento tanto em produtos agrícolas (-0,04% para 0,16%) quanto em Produtos Industriais (0,67% para 0,73%). Na abertura por estágio de processamento, os Bens Finais apresentaram elevação de 0,99% ante 0,01% em junho, acumulando uma variação de 17,23% em 12 meses. O destaque do mês foi o subgrupo de alimentos processados, saindo de uma queda de -0,25% em junho para uma alta de 1,52% em julho. Em linha, o grupo dos Bens Intermediários apresentou alta de 1,59% em julho, pouco acima da variação de 1,57% do mês anterior (25,72% a.a.), com destaque para o subgrupo de combustíveis e lubrificantes para produção (de 7,81% para 9,07%). Por outro lado, o grupo de Matérias-Primas Brutas acentuou sua queda de -0,29% em junho para -0,91% em julho, favorecido pela deflação no minério de ferro (-5,93%), algodão em caroço (-9,15%) e cana-de-açúcar (-0,93%). Em 12 meses, o grupo acumula queda de -5,64%.

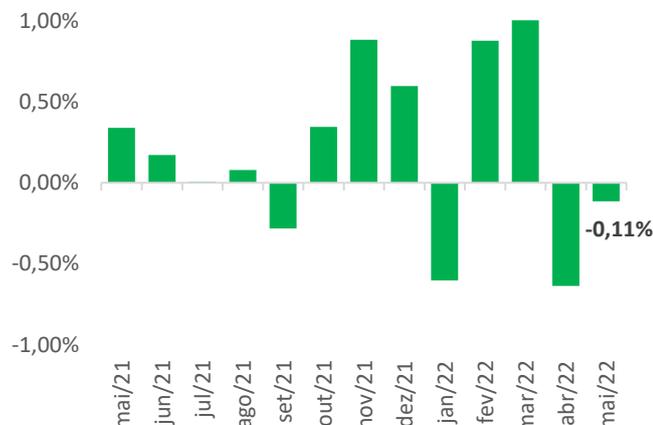
O Índice de Preço ao Consumidor (IPC) registrou desaceleração na margem de 0,72% para 0,42% (9,97% a.a.). O recuo marginal deveu-se a queda de 7 dos 8 itens de composição do IPC, apresentando aumento apenas no item de alimentação (de 0,42% para 1,48%), com destaque para o subgrupo de laticínios, com variação de 3,94% para 8,81%. Sobre os itens em queda, destaques para: Transportes (de 0,45% para -0,41%), vestuário (de 1,83% para 0,80%) e educação, leitura e recreação (de 3,15% para 1,52%).

Por fim, o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) também arrefeceu na marginal de 3,29% para 1,26% (11,71% a.a.), beneficiado pelo recuo de todos os seus componentes: Materiais e Equipamentos (de 1,66% para 0,94%), Serviços (de 0,69% para 0,59%) e Mão de Obra (de 5,30% para 1,67%)

Fonte: FGV. Elaboração ABBC

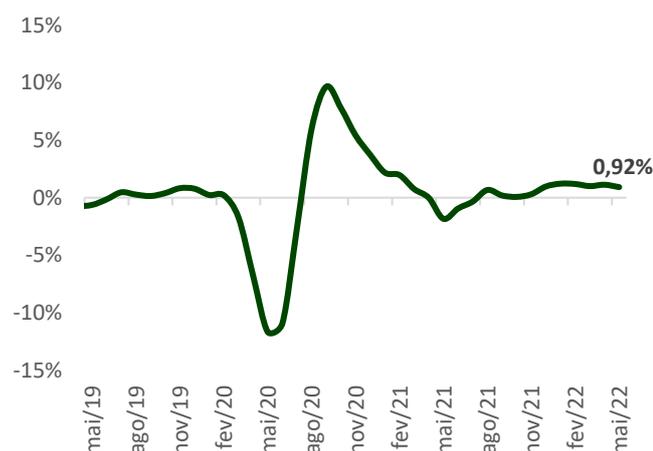
IBC-Br - Mai/22

Varição Mensal Com ajuste sazonal



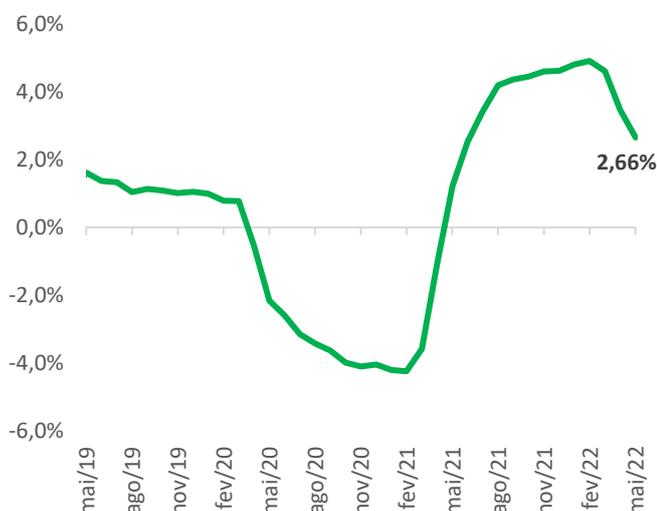
Em maio, o índice de atividade IBC-Br apontou retração de -0,1% na margem. Adicionalmente, para abr/22 houve uma revisão da queda de -0,4% em abril para -0,6%, na série com ajuste sazonal. Abaixo da mediana das estimativas de mercado que apontava estabilidade, o resultado negativo ocorreu a despeito dos dados setoriais positivos divulgados pelo IBGE, como o aumento do varejo restrito em 0,1% (0,2% do ampliado), o impulso do setor de serviços de 0,9%, além da expansão de 0,3% na produção industrial, a contradição pode decorrer de problemas na série dessazonalizada que têm levado a constantes revisões.

Varição Trimestral Com ajuste sazonal



Há uma relativa redução no ritmo de expansão do IBC-Br, com o indicador demonstrando uma desaceleração na variação trimestral, saindo de 1,1% (dato revisado de 1,2%) em abr/22 para 0,9% em mai/22. O carregamento estatístico para o 2T22 é de 0,2%. Com as sucessivas revisões na margem, o acumulado em 12 meses afere com mais precisão o desempenho da atividade. Dessa forma, a expansão do índice acumulado em 12 meses também vem se arrefecendo, fechando maio em 2,7% a.a., ante uma alta de 3,5% a.a. em abr/22, de 4,6% a.a. em mar/22 e de 4,9% a.a. em fev/22. O carregamento estatístico é de 0,2% para o 2T22 de 1,8% para 2022.

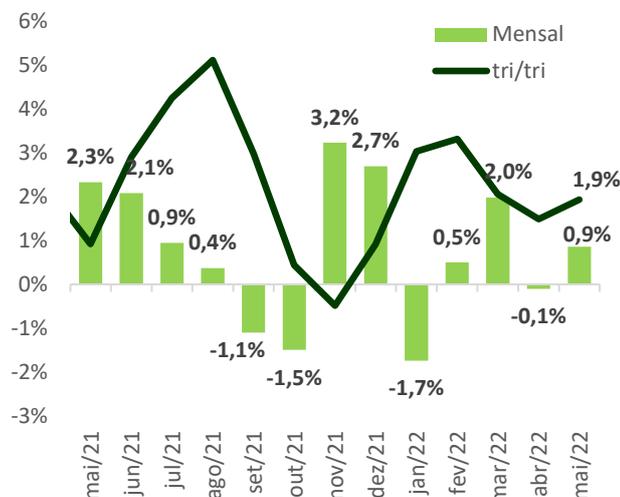
Varição Anual Acumulado em 12 meses



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

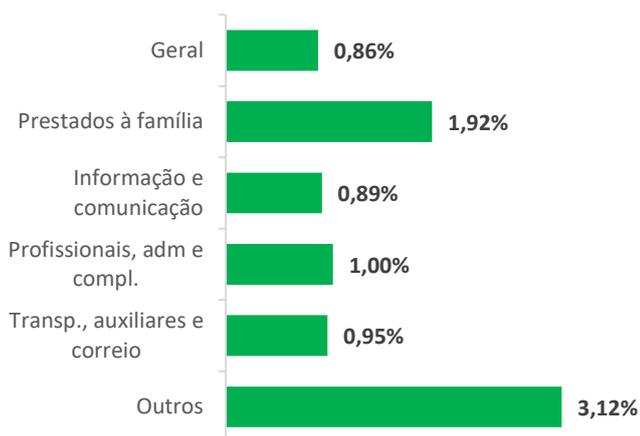
Pesquisa Mensal de Serviços - Mai/22

Variação Com ajuste sazonal



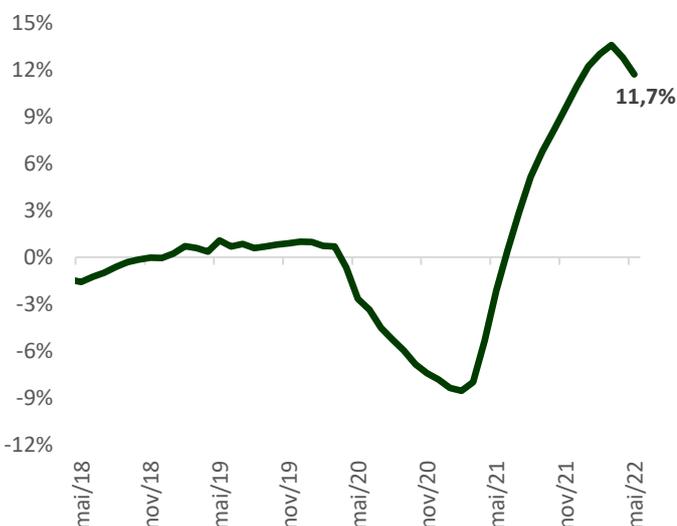
O setor de serviços surpreendeu positivamente em maio, com alta mensal de 0,9%, na série com ajuste sazonal, acima da mediana das expectativas de 0,2%, voltando ao campo positivo, após retração de -0,1% no mês anterior. A alta foi disseminada entre todos os segmentos, com destaques para outros serviços (3,1%) e serviços prestados à família (1,9%).

Variação Mensal Com ajuste sazonal – por grupo



Com isso, a série com a variação trimestral, também dessazonalizada, acelerou seu ritmo de alta, saindo de 1,5% em abril para 1,9%, indicando um bom desempenho para o PIB no 2T22. O movimento tem se beneficiado das reduções nas restrições de mobilidade social, o retorno do trabalho presencial e do aumento da demanda, favorecido pelo aumento do benefício do auxílio Brasil, pelos saques extraordinários do FGTS e a antecipação de 13º salário de aposentados e pensionistas.

Variação Anual Acumulada em 12 meses



Apesar do bom desempenho do mês, a variação anual do volume de serviços acumulado em 12 meses registrou perda no ritmo de crescimento, ainda que permanecendo em patamar elevado, fechando em 11,7% a.a. ante 12,8% a.a. no mês anterior (queda de -2,1% a.a. em mai/21).

Por fim, vale registrar que o setor de serviços já se encontra em nível 8,4% acima do observado no momento pré pandemia (fev/20). Porém, o segmento de serviços prestados à família, mais afetado pela pandemia, ainda está -7,0% abaixo de fev/20.

Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal do Comércio - Mai/22

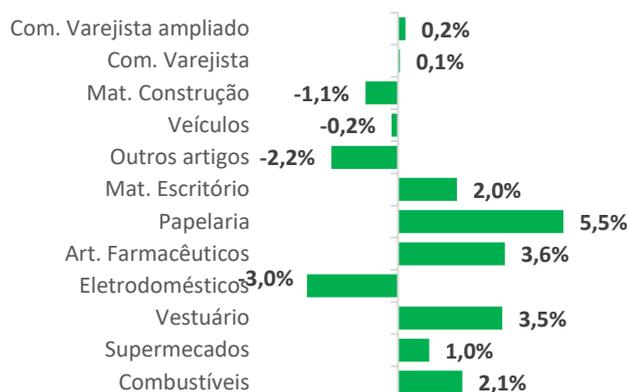
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Ao contrário do setor de serviços, o setor varejista encerrou maio com um desempenho aquém do esperado, com alta de 0,1% no comércio restrito e de 0,2% no ampliado, na série com ajuste sazonal, contra 1,0% e 1,8%, respectivamente, da mediana das projeções.

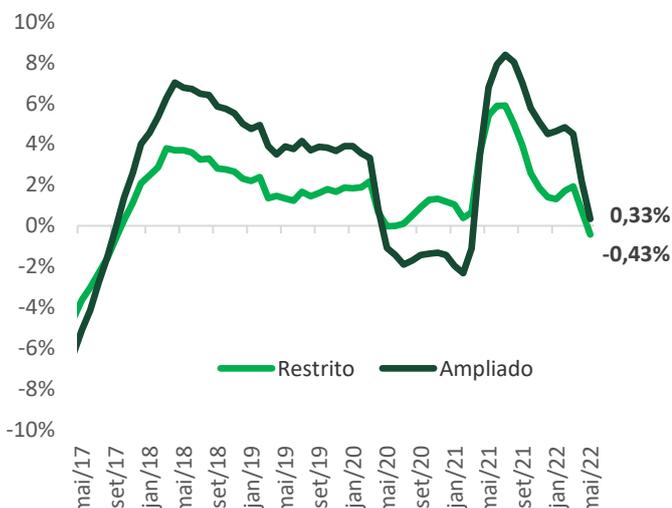
No mês, os destaques no comércio restrito ficaram para: as elevações de 5,5% em papelaria, de 3,6% em artigos farmacêuticos e de 3,5% em vestuário, além das quedas de -3,0% em eletrodomésticos e de -2,2% em outros artigos. Por sua vez, a queda no comércio ampliado foi fundamentalmente apoiada na contração de -1,1% em materiais para construção.

Variação Mensal Com ajuste sazonal – por grupo



O fraco desempenho do varejo segue impactado pela elevada taxa de inflação e pelo endividamento das famílias que têm influenciado o orçamento familiar, diminuindo o espaço para compras. Contudo, medidas de recomposição de renda do governo, como o aumento do auxílio Brasil, saque extraordinário do FGTS e antecipação de benefícios impediram um desempenho ainda pior. Com a aprovação da “PEC dos Benefícios”, a tendência é de manutenção desse efeito positivo, mesmo que com pouca intensidade.

Variação Anual Acumulada em 12 meses

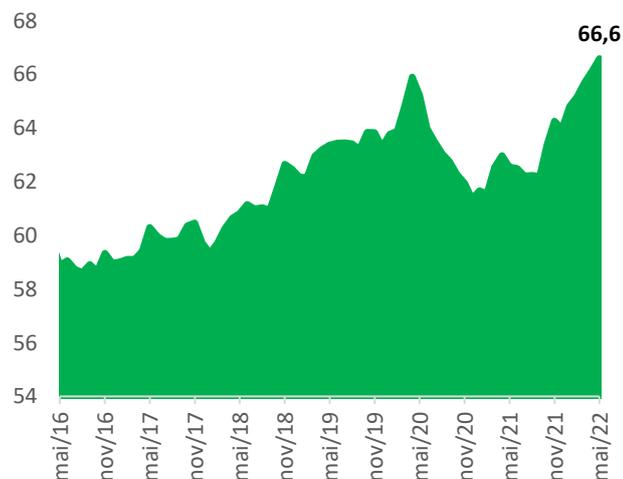


A variação anual do índice acumulado em 12 meses evidencia bem a perda de tração do setor varejista. Em maio, encerrou com alta de 0,33% a.a. para o comércio ampliado, enquanto o restrito fechou com queda de -0,43% a.a., com ambas as séries apresentando forte tendência cadente.

Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

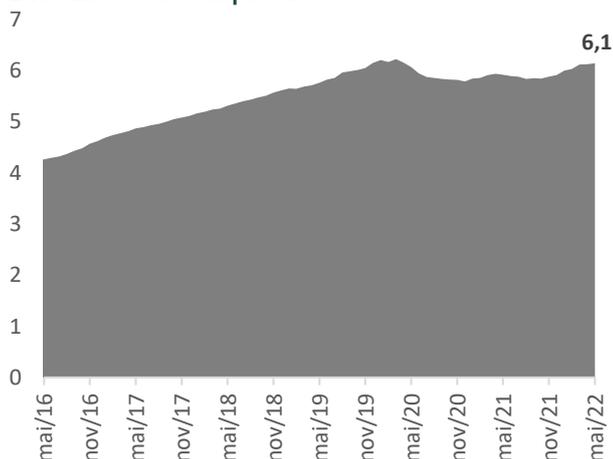
Inadimplência Serasa - Mai/22

Inadimplência do Consumidor Em milhões de pessoas



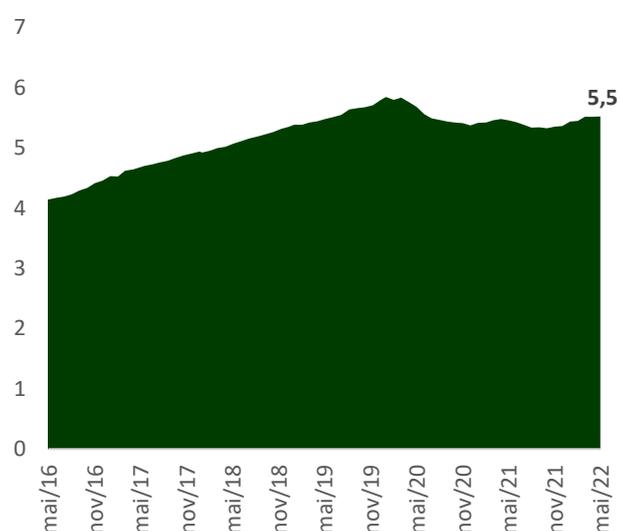
Em maio, observaram-se elevações no total de endividados de consumidores e empresas, segundo a Serasa Experian. Porém, a preocupação é maior no caso das famílias. No mês, o total de consumidores inadimplentes alcançou 66,6 milhões de pessoas, configurando-se novo recorde da série histórica iniciada em 2016, o que representou alta de 0,7% no mês, de 4,1% no ano e de 6,5% em relação ao mesmo período do ano anterior. Analisando por setor, o segmento bancário segue com o maior nível de negativados (28,2% do total), seguido por contas básicas, como água, luz e gás (22,7%) e varejo e financeiras (12,5%).

Inadimplência das Empresas Em milhões de empresas



Os programas de recomposição de renda do governo serviram para atenuar o movimento de alta da inadimplência, como os saques extraordinários do FGTS, o aumento do auxílio Brasil e antecipação do 13º salário de aposentados e pensionistas. Segundo pesquisa da FGV, de 1500 entrevistados, 2/3 pretendem usar o dinheiro para pagar dívidas e poupar. Contudo, a série pode ainda alcançar seu pico no segundo semestre, dada a inflação apertada, que corrói o poder de compra, e a elevação da taxa básica de juros, que torna os créditos mais caros.

Variação Anual Acumulado em 12 meses



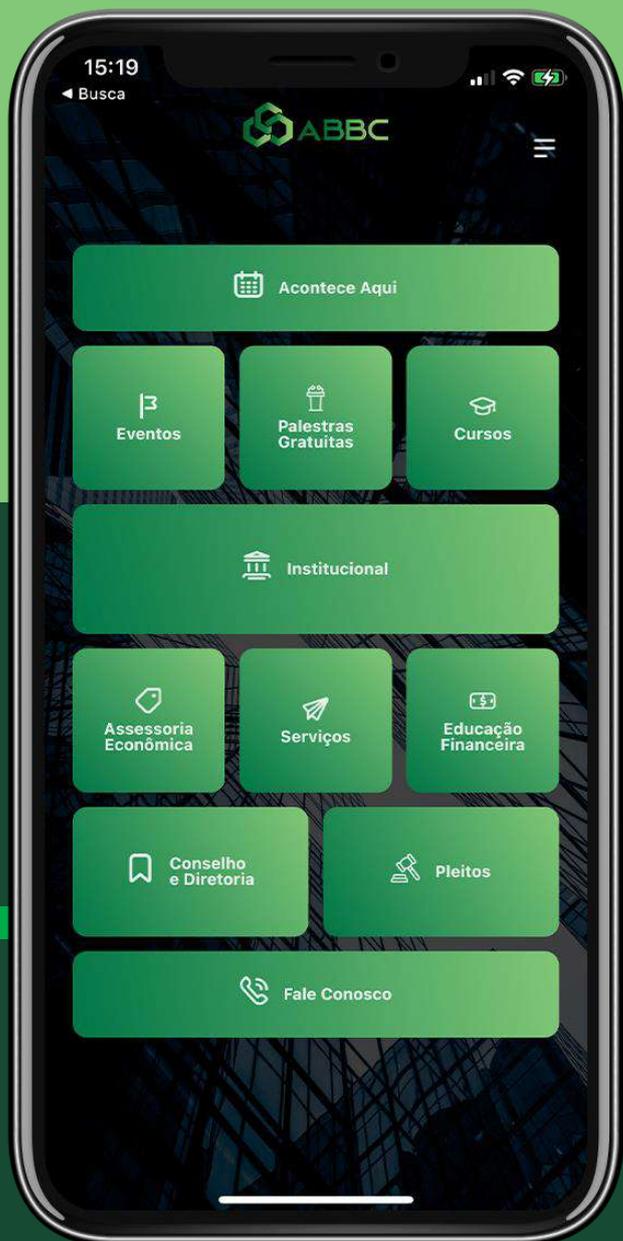
No caso das empresas, em maio, embora o total de endividadas tenha subido 0,3% na margem, com alta de 3,7% em 12 meses, encerrando em 6,1 milhões, a série ainda não atingiu seu máximo (6,2 milhões em mar/20). Considerando as micro, pequenas e médias empresas, verificaram-se altas de 0,1% na margem e de 1,2% a.a., totalizando 5,5 milhões, também razoavelmente distante do seu recorde (5,8 milhões em mar/20).

Fonte: Serasa Experian. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
Atividade, Inflação e Juros					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	1,5	0,5
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	8,9	6,6
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	10,0	10,8
IPCA (% a/a fim de período)	4,3	4,5	10,1	7,6	5,1
IGP-M (% a/a fim de período)	7,3	23,1	17,8	11,9	4,8
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	10,25
Setor Externo e Câmbio					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	70,0	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-18,0	-30,6
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	58,5	66,2
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,13	5,10
Fiscal					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	0,1	-0,2
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-6,7	-7,6
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	59,0	63,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	79,0	82,0

Fonte: ABBC



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO
Google Play



Disponível na
App Store



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688